



Anais da Assembléia

N. 108

CURITIBA, SEGUNDA-FEIRA, EM 14 DE OUTUBRO DE 1985

ANO XI

**3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 10ª LEGISLATURA
ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA A ENTREGA
DO TÍTULO DE CIDADÃO BENEMÉRITO DO PARANÁ
AO SENHOR SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA
REALIZADA EM 14 DE OUTUBRO DE 1985
SEGUNDA-FEIRA**

Presidência do Senhor Deputado Nelson Buffara, secretariada pelos Senhores Deputados Anibal Khury e Quielse Crisóstomo.

Às quinze horas é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: Nilso Sguarezi, Antônio Annibelli, Nelson Buffara, Anibal Khury, Quielse Crisóstomo, Fiori Luiz, Ezequias Losso, Acir Mezzadri, Adhail Sprenger Passos, Ailton Cordeiro, Amélia Hruschka, Antônio Belinati, Artagão Mattos Leão, Augusto Carneiro, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Dirceu Manfrinato, Djalma de Almeida César, Donato Gulin, Edgard Pimentel, Edmar Luiz Costa, Eduardo Baggio, Erondy Silvério, Ervin Bonkoski, Ferrari Júnior, Francisco Escorsin, Fuad Nacli, Gabriel Manoel, Germote Kirinus, Gilberto Carvalho, Hermas Brandão, Homero Oguido, Ironi Pugliesi, Ivan Gubert, Jorge Maia Filho, José Antônio Fonseca, Leônidas Chaves, Luiz Alberto Oliveira, Márcio Almeida, Mário Pereira, Nestor Baptista, Odeni Mongnuel, Orlando Pessuti, Osvaldo Alencar Furtado, Paulo Furiatti, Péricles Pacheco, Rubens Bueno, Sabino Campos, Sérgio Spada, Tadeu França, Tadeu Lúcio Machado, Tércio Albuquerque, Trajano Bastos, Tuguio Setogutte, Werner Wanderer e Wilson Fortes (56). Achando-se em licença os Senhores Deputados Nelson Vasconcellos e Roberto Requião (02), presentes ainda inúmeras autoridades civis e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Buffara) - Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

SESSÃO SOLENE,

de entrega de título de "CIDADÃO BENEMÉRITO DO PARANÁ", ao eminente jornalista, Cidadão nascido na cidade de Paranaguá, na minha terra, Samuel Guimarães da Costa.

Para receber e acompanhar até este recinto o Doutor Luiz Alberto Dalcanalle, Secretário de Estado da Comunicação Social, neste momento representando o Governador do Estado, o Senhor José Richa, e o ilustre homenageado, designo uma Comissão integrada pelos Senhores Deputados Péricles Pacheco, Jorge Maia Filho e Luiz Alberto Oliveira.

Suspendo a sessão por alguns instantes até a chegada de Suas Excelências.

(É suspensa a sessão).

O SR. PRESIDENTE (Nelson Buffara) - Está reaberta a sessão.

É com a mais elevada satisfação que esta Presidência vai anunciar a composição da Mesa:

Excelentíssimo Senhor Luiz Alberto Dalcanalle, Secretário de Estado da Comunicação Social, Representante de Sua Excelência o Senhor José Richa, Governador do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Jornalista Samuel Guimarães da Costa, Cidadão Benemérito do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Federal Leo de Al-

meida Neves.

Excelentíssimo Senhor Goiás Campos, Representante de Sua Excelência o Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba.

Excelentíssimo Senhor Professor Faustino Fávoro, Representante de Sua Excelência o Senhor Professor Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Anibal Khury, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Quielse Crisóstomo da Silva, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Demais Autoridades,
Senhores Deputados,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores.

Solicito do Senhor 1º Secretário que proceda a leitura dos termos do diploma ao Senhor Samuel Guimarães da Costa.

O SR. 1º SECRETÁRIO (Lê): - "República Federativa do Brasil. Estado do Paraná. TÍTULO DE CIDADANIA BENEMÉRITA.

Os Poderes constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com a Lei n. 8074 de 02 de abril de 1985, confere ao ilustríssimo Senhor Jornalista Samuel Guimarães da Costa, o título de Cidadão Benemérito do Paraná, para o que mandaram expedir o presente DIPLOMA.

Curitiba, 14 de outubro de 1985.

JOSÉ RICHÁ

Governador do Estado

DESEMBARGADOR ARMANDO JORGE
DE OLIVEIRA CARNEIRO

Presidente do Tribunal de Justiça.

DEPUTADO NILSO SGUAREZI

Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Buffara) - Eu convido os presentes, para que, em pé, possamos ouvir o Hino Nacional.
(É executado o Hino Nacional)

Para fazer a entrega do DIPLOMA de Cidadão Benemérito do Paraná, eu tenho a elevada honra de convidar Sua Excelência o Senhor Doutor Luiz Alberto Dalcanalle, digníssimo Secretário de Estado de Comunicação Social, que neste momento representa Sua Excelência, o Senhor Governador do Estado, Senhor José Richa.

(É feita entrega do DIPLOMA)

Para saudar o mais novo Cidadão Paranaense, e falar em nome do Poder Legislativo, concedo a palavra ao Senhor Deputado Ervin Bonkoski.

O SR. ERVIN BONKOSKI - Excelentíssimo Senhor Deputado Nelson Buffara, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Sr. Luiz Alberto Dalcanalle, Secretário de Estado da Comunicação Social, Representante de Sua Excelência o Sr. José Richa, Governador do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Jornalista, Samuel Guimarães da Costa, nosso homenageado, Cidadão Benemérito do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Federal, Léo de Almeida Neves.

Excelentíssimo Senhor Goiás Campos, Representante de Sua Excelência o Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba.

Excelentíssimo Senhor Professor Faustino Fávoro, Representante do Senhor Professor Alcy, Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Anibal Khury, Digníssimo 1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Quíselo Crisóstomo, da Silva, Digníssimo 2.º Secretário da Assembléia Legislativa, demais autoridades presentes, Senhores Deputados, minhas Senhoras, meus Senhores (Lê):

"A Assembléia Legislativa do Paraná é de fato e de direito o Poder representativo do povo paranaense. É nesta Casa que se interpretam e se traduzem os anseios, as aspirações e a vontade populares. É dever de todos nós, que representamos o povo, concretizar o desejo da nossa coletividade.

Hoje, neste momento, estamos aqui reunidos para ensejar que essa representatividade seja concretizada. Não é este Deputado pessoal e individualmente que fala e manifesta seu desejo apenas; não é apenas a Assembléia Legislativa, como Poder, que isoladamente se pronuncia. É, isto sim, o povo quem fala.

Somos, nós e esta instituição, instrumento para a manifestação e o reconhecimento de todos os paranaenses. Estamos aqui para render homenagem a um cidadão paranaense do mais alto relevo e dos mais reconhecidos méritos. Estamos aqui para um preito de gratidão, respeito e admiração a SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA.

Para realçar, um pouco mais a importância e o merecimento desta homenagem, permitam que façamos um preâmbulo explicativo.

A humanidade é, por inerência, mais fascinável pelas coisas materiais; empolga-se mais pelo que vê do que pelo que sente. O Padre Vieira já dizia que "o espírito humano rende-se muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos..."

Nós lembramos que quando Brasília estava ainda em construção, já com as primeiras formas geométricas da arquitetura de Oscar Niemeyer, visitou a futura Capital do Brasil o Prefeito Robert Wagner, de Nova Iorque. Num momento de admiração diante da obra que se vislumbrava, disse ele a Juscelino Kubitschek: "É uma obra fantástica, mas também é um grande desafio". Sabemos hoje que o ex-Presidente está indissociavelmente ligado a Brasília de concreto, ao País da grande Capital futurística encravada no planalto brasileiro, no cerrado centro-geográfico. JK amou o Brasil e os brasileiros, e fez muito mais com o coração.

Madre Tereza de Calcutá desempenha há muitos anos uma cruzada de amor aos pobres e esquecidos que é algo sublime e próximo ao divino. Nós estamos mais inclinados em lembrar seu nome por um Prêmio Nobel, quase nunca pelas vidas que ela salvou, pelas pessoas que ela ajudou.

As pessoas, por sua condição humana — essa condição de que nos fala o Padre Vieira — podem jamais esquecer um homem pelo que de material ele fez, muito embora deixe no ostracismo aqueles que fazem um bem maior, mas que se traduz em sentimento abstrato.

O Paraná, aqui representado, está reunido para o reconhecimento público a um dos filhos mais ilustres, o CIDADÃO EMÉRITO Samuel Guimarães da Costa, um homem que tem trabalhado com o maior denodo e a maior dedicação ao seu Estado e à sua gente. Desprendidamente, Samuel tem trabalhado pelo Paraná, seja como homem público, seja como um profissional da comunicação, influente na opinião de mais de uma geração. O trabalho dele está no coração da

da nossa gente; a semente que Sanyek tem lançado ao longo de quase meio século está no pensamento, no intelecto dos paranaenses. Na memória, na vida e na atitude de cada um de nós está um pouco do bem que Samuel tem feito. E que certamente ainda muito fará.

.....
Samuel Guimarães da Costa nasceu em Paranaguá; filho de Augusto Régis Pereira da Costa e de Maria Tereza Guimarães. Descende, pelo lado paterno, de tradicional família formada pelo patriarca Manoel Antônio Pereira, último Capitão-Mós e primeiro Prefeito de Paranaguá após a Independência do Brasil, tronco de alguns ramos ilustres, como dos Pereira da Costa, dos Guimarães nacarinos descendentes do Visconde de Nacar e do Barão do Cerro Azul, dos Pereira Tourinho, dos Leão, etc.

Samuel fez seus primeiros estudos em Paranaguá, na Escola Paroquial e na Escola Normal, frequentando depois, em Curitiba, o então Ginásio Paranaense, hoje Colégio Estadual do Paraná, onde trabalhou e casou-se com dona Olga Soares, oriunda de tradicional família de Taubaté, São Paulo, professora e mestra de gerações.

Retornando a Curitiba ingressou no jornalismo, como redator do serviço público e repórter, redator e editorialista de vários jornais e revistas. Ao mesmo tempo participou da organização do então Departamento de Assistência ao Cooperativismo, da Secretaria da Agricultura, ainda no Governo de Manoel Ribas.

A partir de 1945 participou da Comissão de Organização Cooperativa dos Produtores de Mate, órgão vinculado ao Ministério da Agricultura e ao Governo do Estado. Logo depois foi dirigente da Federação das Cooperativas de Produtores de Mate, realizando — nessa condição — diversas viagens ao Uruguai, Argentina e Chile, tradicionais mercados importadores do mate brasileiro. Foi, no Rio de Janeiro, membro da Comissão de Planejamento Cooperativo do Mate, vinculada ao Ministério da Agricultura.

Como profissional da comunicação, Samuel emprestou seu brilho, inteligência e dedicação a diversos veículos, entre os quais: GAZETA DO POVO, O DIA, DIÁRIO DO PARANÁ, O ESTADO DO PARANÁ, DIÁRIO CARIOCA — sucursal de Curitiba, DIÁRIOS ASSOCIADOS, ÚLTIMA HORA, CORREIO DE NOTÍCIAS, JORNAL DO ESTADO, e nas revistas A ILUSTRAÇÃO, O LIVRO, GUAÍRA, PANORAMA E MANCHETE — sucursal de Curitiba.

Produziu programas em emissoras de rádio e televisão e fez roteiros para o cinema. Trabalhou em agências de propaganda; chefiou a Delegação do Paraná no 2.º Congresso Brasileiro de Escritores, em Belo Horizonte. Foi assessor dos Ministros paranaenses Bento Munhoz da Rocha Neto e de Aramis Athayde, atuando mais tarde no Gabinete do Ministro Amaury Silva como jornalista e observador político.

Em Curitiba foi assessor dos governadores Ney Braga, Paulo Pimentel (do qual foi também Chefe da Casa Civil), Parigot de Souza e Emílio Gomes. Na condição de Chefe da Casa Civil acumulou a secretaria-geral da Aliança Renovadora Nacional do Paraná, de cuja organização participou junto com o então Secretário do Interior e Justiça, João de Mattos Leão, com quem percorreu todos os municípios do Paraná.

Samuel é jornalista do serviço público, lotado na Secretaria dos Transportes. Por muitos anos foi assistente da presidência da COPEL. É um dos diretores da Editora PAN; editor do Caderno do Empresário, da Revista PANORAMA, é sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e Presidente do Conselho de Ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná.

Samuel Guimarães da Costa tem, entre outras, as seguintes obras publicadas:

ECONOMIA ERVATEIRA - editada pelo Centro Nacional de Estudos Cooperativos, do Rio de Janeiro;

ESTUDO DAS ÁREAS CULTURAIS COMO FUNDAMENTO DA EDUCAÇÃO - editado pela Associação dos Professores do Paraná;

PARANÁ - edições Mercator, de São Paulo, na série sobre os Estudos Brasileiros, da qual participaram, também, Jorge Amado, Rubem Braga e Érico Veríssimo;

FORMAÇÃO DEMOCRÁTICA DO EXÉRCITO BRASILEIRO - lançado com menção honrosa em 1957 pela Editora Biblioteca do Exército, obra esta amplamente citada pelo sociólogo Gilberto Freyre, por Wernick Sodré e Raimundo Faoro.

Lançou também **40 ANOS DE JORNALISMO** e trabalha nas obras **O PARANÁ NA GEOGRAFIA DA CONQUISTA - VIAGEM AO SÉCULO 16** e **O PARANÁ, SUA POLÍTICA. SEUS HOMENS**, sobre a história política do nosso Estado.

Em viagem à Europa, em 1974, visitou 8 países, recolhendo em arquivos europeus documentos e subsídios relacionados com a História do Paraná e a Região Sul do País.

Samuel é detentor de vários prêmios, entre os quais o concurso promovido pelo BADEP, a nível nacional, comemorativo aos 20 anos desse Banco de desenvolvimento, no qual foi o único paranaense premiado, tendo sido, também, classificado em 1.º lugar no concurso promovido pela Secretaria do Planejamento com o trabalho **A ERVA MATE NO PARANÁ**.

Samuel tem dois filhos: Samuel Guimarães da Costa Júnior e Olga Maria Soares da Costa. E já plantou muitas árvores...

Se fôssemos enumerar aqui todas as qualidades de Samuel Guimarães da Costa; se fôssemos aqui citar as inúmeras lições de vida que ele tem dado cotidianamente aos paranaenses, certamente não teríamos tempo suficiente. A vida dele está aqui e em todo esse Paraná, como um grande e dignificante exemplo.

Acreditamos que Samuel é aquele **HOMEM** que o poeta Kipling deu-nos o perfil: **ENTRE A PLEBE NÃO SE CORROMPER, ENTRE OS REIS NÃO PERDER A NATURALIDADE**.

Ele viveu em palácios, conviveu com o poder, transitou nos mais elevados gabinetes... Samuel serviu ao governo, jamais se serviu dele. Livre e independente é um **SERVIDOR** no mais abrangente sentido.

Dos governantes e homens do poder foi assessor, servidor, conselheiro... influente conselheiro.

Como jornalista é mais que professor, ainda que não leccione: é um mestre. Felizes e dignos de sua grandeza serão todos os que souberam aproveitar sua lição de vida. De vida e de dignidade. De dignidade e de amor ao Paraná e aos paranaenses.

O Paraná e nós, todos os paranaenses, somos felizes e agradecidos porque temos aqui ao nosso lado, ao alcance de uma consulta ou de uma palavra de fé e amor, este **CIDADÃO EMÉRITO**, nosso irmão Samuel Guimarães da Costa.

Por tudo isso, Senhoras e Senhores, é que tomamos a liberdade de homenagear um dos mais dignos e exemplares homens da nossa geração.

Com a nossa humildade, quisemos prestar esta homenagem, que não é nossa, mas de todo o Paraná e de todos os que aqui nasceram ou aqui vivem.

Sabemos que na sua invejável modéstia, própria das grandes figuras humanas, nem ele mesmo teria concordado com esta honraria, homenagem esta que ele, por modéstia de princípios, poderá até dizer que não merece. Mas não lhe

estamos colocando pingos de vaidade que não possui. Estamos, sim, fazendo-lhe um reconhecimento público. Samuel é o símbolo do servidor público, o símbolo e a inspiração maior dos jornalistas. Quiséramos que todos os dias pudéssemos uma sessão como esta realizar.

SAMUEL, É O PARANÁ QUE PROCLAMA

SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA.

o nosso Cidadão Emérito."

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Nelson Buffara) - É com elevada satisfação e muita honra que, neste momento, ouviremos a palavra do Senhor Samuel Guimarães da Costa, Cidadão Emérito do Paraná.

O SR. SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA - Excelentíssimo Senhor Deputado Nelson Buffara, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná:

Excelentíssimo Senhor Luiz Alberto Dalcancalle, Secretário de Estado da Comunicação Social, representante de Sua Excelência José Richa, Governador do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Léo de Almeida Neves, Deputado Federal;

Excelentíssimo Senhor Goiás Campos, representante de Sua Excelência o Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Senhor Professor Faustino Fávoro, Representante de Sua Excelência o Senhor Professor Alci Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Anibal Khury, 1.º Secretário da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Quielise Crisóstomo da Silva, 2.º Secretário da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná.

Demais Autoridades presentes,

Senhores Deputados, minhas Senhoras, meus Senhores.

Senhor Presidente, Senhores Deputados. (Lê):

"Confesso que recebo muito envaidecido o Título de Cidadão Benemérito do Paraná, neste dia, seguramente um dos mais emocionantes de minha vida.

Contudo, sinto o peso da responsabilidade, ao saber que o povo do meu Estado, através de seus representantes, manifesta tamanho sentimento de apreço a um de seus filhos, que até aqui não fez senão procurar cumprir o seu dever de morrer pelo Brasil, se for preciso, e matar pelo Paraná, se for necessário.

Como força de expressão, matar pelo Paraná e o mínimo que se espera de seus filhos, porque é um Estado que se fez invejado no País, como exemplo e modelo. Muitos aqui talvez não se recordem de que o atual Presidente José Sarney quando se elegeu Governador do Maranhão prometeu a seus coestaduanos fazer dele "um novo Paraná". E algo semelhante afirmou o primeiro Governador do novo Estado do Mato Grosso do Sul ao dizer que queria fazer dele "um segundo Paraná".

Não foi por outra razão que o sociólogo francês, Jacques Lamber em sua obra lançada na década dos anos 60, sobre os dois Brasis, escrevia que a necessidade de conciliar as exigências de um País novo com as da velha sociedade colonial manifesta-se no interior de cada Estado Brasileiro.

E acrescentava: Apenas São Paulo e talvez o Paraná que a ele está intimamente ligado possuem desenvolvimento tão completo que neles o velho Brasil já não é mais do que a lembrança local de um passado abolido.

E o que se diz sobre o Paraná, como um todo, se aplica igualmente a sua Capital. Uma cidade que já deixou de ser o

velho burgo provinciano, mas ainda não é e esperamos que não seja, uma megalópolis intolerável, a explicar porque, tem tido e terá grandes prefeitos e isto por que? Porque é uma capital gerenciável, que se submete e se amolda às administrações competentes, permitindo até que um escritor como Dalton Trevisan, o "vampiro" de Curitiba tenha podido incorporar sua peculiar geografia humana à literatura brasileira.

O projeto do ilustre representante da Maioria, Deputado Ervin Bonkoski, com a autoridade de Parlamentar mais votado a nível estadual, tramitou nesta Casa com o apoio do igualmente ilustre Deputado Luiz Alberto Oliveira, líder da Bancada da Minoria; deixando claro que ao ser sancionado pelo eminente Governador José Richa, dá ao homenageado de hoje o reconhecimento unânime de todos os paranaenses, sem quaisquer restrições, quer por parte do Governo, quer por parte da Oposição.

Esse título vale para mim, portanto, como um preito absolutamente livre de injunções de qualquer natureza, pois só desse modo eu poderia aceitá-lo. Entendo que minha condição de jornalista pressupõe essa independência profissional, livre de servidões ideológicas, sem as quais não poderia servir ao Paraná, como tenho servido no curso de mais de quarenta anos, tanto quando fui chamado a exercer funções de algum relevo no Governo, como quando fiz dele objeto de vigorosa análise crítica. Contudo, não sou dos que santifica a profissão, porque penso ter senso de autocritica e reconheço as deficiências do próprio jornalismo, não raro posto a serviço de causas duvidosas e suspeitas, para não dizer do poder usurpador e ilegítimo.

Hoje, e cada vez mais, os meios de comunicação de massa se tornaram uma arma poderosa que, a exemplo dos engenhos nucleares tanto podem ser postos em benefício da paz e do convívio democrático, como contra eles. Antes, como disse Umberto Eco, quem quisesse tomar o poder político num país, bastava controlar o exército e a polícia. Isso agora não é suficiente. É preciso que controle os meios de comunicação, o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão e, principalmente a imprensa, a primeira que se silencia quando se quer suprimir todas as demais manifestações de liberdade de opinar e informar.

Como disse Thomaz Jefferson, nos tempos heróicos dos Estados Unidos, a imprensa foi e continua a ser o único sinal de alarme de uma nação, e agora, mais que em qualquer tempo, quando vivemos sob o domínio de uma indústria cultural que não é a mesma coisa que cultura de massas, aquela que brota espontaneamente de seio das massas, mas, ao contrário, -visa massinca-la, tolhendo e sufocando suas manifestações, só padroniza e atrofia a imaginação criadora. Receio que, o que vem por aí é, antes, um século de trevas, do que de renascimento!

Já não se ignora que a crise interna que ameaça explodir a UNESCO, Organismo da ONU, para a Educação, Ciência e Cultura, reside num monopólio de agências de notícias ocidentais que controlam 80% da informação, na América Latina e no Terceiro Mundo em geral, a ponto de se dizer que, os países subdesenvolvidos são, na verdade, países subinformados. Esse monopólio já foi denunciado como responsável pelo impacto massificante e compulsivo dos meios de comunicação social, a serviço de interesses transnacionais, a reclamar uma nova ordem de comunicação e informação, a fim de evitar a transculturação não participativa e até destruidora, de valores de nosso povo! Mas, se nós, Comunicadores, trabalhamos com recursos técnicos poderosos, capazes de atingir instantaneamente, milhões de pessoas, exercendo influência decisiva em suas vidas, devemos estar conscientes de que, podemos enriquecer ou empobrecer culturalmente, a nossa gente, na medida em que desenvolvermos, ou não, a sua capacidade de pensar, escolher e decidir, dando uma grande contribuição

para fazer crescer a comunhão, e o progresso da pessoa humana!

Só existe uma autêntica comunicação humana — quando o comunicador dá o que é, numa atitude de abertura, para o outro. Nesse sentido é que se diz, que, comunicar, é ser. Talvez, como fez o Cristo que foi modelo perfeito de Comunicador autêntico, segundo a Igreja, ele é Aquele que é, a ponto de dar sua vida por aquilo que transmitiu!

Só assim, o Comunicador se engrandece. Como se viu agora — ainda agora — no episódio do chamado Seqüestro dos Seqüestradores, do navio italiano Achile Lauro, exemplo audacioso do terrorismo que avassala o mundo e quando o desapareço pela vida humana chegou a nível tão baixo, coube aos meios de comunicação noticiar a ação terrorista em pleno Mediterrâneo, como que a cobrar uma atitude dos Estados Unidos, num momento dramático em que seu Presidente ainda não sabia ao certo, o que devia fazer; se, nessa missão, bem sucedida, não podemos fazer comentários além dos fatos para afirmar que, todo terrorista pensará melhor antes de entrar em ação, ou que ela não ajuda o processo da paz porque a violência só gera a violência, o certo é que, as notícias a respeito desse acontecimento foram difundidas, por motivos humanitários.

Se quisermos participar da construção de uma nova ordem mundial de informação e comunicação, temos que começar por nós mesmos, dando exemplo, em casa!

Tenho procurado exercer o jornalismo político no Paraná com profunda consciência de sua historicidade, como requisito essencial para a clara inteligência dos nossos interesses, até porque, me sinto um arraigado, em meio a tantos forasteiros que aqui chegaram, para realizar conosco, dias melhores para todos. Naquele sentido amplo em que se conceitua a política como sendo o poder de uma sociedade na construção de seu próprio destino, arraigados e forasteiros, formamos os dois lados de um Paraná único, que se completam, na medida em que um evita que o outro caia num regionalismo doentio e intolerável, ou então, se aliene e se entregue, qual um mar de sargaços ao sabor das ondas e dos ventos que sopram de fora.

A propósito, recorde um episódio anedótico ocorrido no começo do século, com nosso Emílio de Menezes, que residia no Rio de Janeiro na época e certa vez veio a Curitiba rever a terra natal. Surpreendeu-se ao saber dos quatro Deputados Federais, que então, na época, integravam a Bancada paranaense na Câmara dos Deputados. três eram nortistas — Carlos Cavalcanti, Lamenha Lins e Carvalho Chaves — só o último, Correia de Freitas, nascera no Paraná, mas estava um tanto esclerosado, quase de miolo mole.

Recordo-me disso porque conheci o velho Correia de Freitas, já senil e caduco, que frequentava a casa de meu avô em Paranaguá. Mas ao saber desse fato, quatro Deputados Federais — três nortistas e um nascido no Paraná — Emílio de Menezes não pode deixar de fazer o seu comentário ferino:

— É, disse ele, do Paraná continua terra dos outros. Assim é que temos uma representação federal com três nortistas e um desnorteado . . ."

Filho de Paranaguá, sou oriundo de família fundada pelo patriarca Manoel Antônio Pereira, seu último Capitão-Mor, e primeiro Prefeito na transição do regime colonial para a Independência. No dizer de Andrade Muricy, Paranaguá foi onde se formou a primeira civilização do Paraná, produzindo o que ele chamou o "homo paranaguensis", e dizia: "o mais definido e acentuado do amálgama desigualíssimo da gens paranaensis". E observava: "Nessa terra, nasceram homens de personalidade acusada, alguns mais capazes dum requinte que só uma ancestralidade muito vivida pode explicar. É o caso, por exemplo, e ele continua cotando Andrade Muricy: "de Nestor Vitor, o mais anuancado e sutil dos críticos literários do período parnasiano simbolista, o homem que recebendo de Paranaguá o seu profundo caráter de humanidade, foi o brasileiro que

melhor viu e sentiu Paris. Nestor Vitor foi **homo paranaguensis** típico. psicólogo nato, paradoxal, algumas vezes arestoso e difícil. homem de repente, irônico e intimamente cheio de ternuras. Da espécie daquele admirável João Regis Pereira da Costa, alma de poeta, que, funcionário aduaneiro, embarcava para Buenos Aires, ou para Santos, só porque aquele navio partia para lá, ou para Curitiba, porque o trem ali estava . . .”

Esse João Regis foi meu avô paterno, que também foi jornalista, de quem Leôncio Correia, que fora na época um floriano ardoroso, em campo político oposto ao de meu avô, diria ao lhe registrar a morte: “Essa personalidade interessante e original tem raízes profundas e poderosas na velha cidade com que alvoreceu a civilização paranaense. João Regis que, creio, jamais chegou a ser nem mesmo vereador da Câmara Municipal de sua Terra, foi dela, entretanto, síntese magnífica de todos os seus prêmios de inteligência e civismo”.

Certa vez, escrevendo sobre si mesmo, meu avô focalizou toda uma época. “Assisti pessoalmente”, dizia ele, “a chegada dos brasileiros que, mutilados, regressavam do Paraguai. Acompanhei com profunda mágoa o desastre da França, em 1870; com o grande redentor, José do Patrocínio, combati pela libertação do escravo; acompanhei Fernando Simas na alvorada da República, e por isso aderi de alma branca à bandeira dos revolucionários de 1893, e por isso, chorando de saudade, purguei em longo exílio, as saudades da pátria; emocionei Santos Dumont com palavras de ardente referências, que hoje não ousaria repetir sem grande emoção; fiz e tenho feito amigos dignos desse nome: apertei as mãos augustas do legendário general Osório e, por fim, ofereci à terra querida de Paranaguá tudo quanto meus esforços e boa vontade pudessem torná-la digna e alevantada, nos surtos de progresso que ela desfruta”.

Num escrito de 1940, Romário Martins diria de João Regis que “ele foi um marco entre duas épocas: aquela em que a cidade viveu seus grandes dias de afirmação social, de prestígio político, de brilhantismo intelectual, e a atualidade em decadência . . .”

A decadência a que se refere Romário Martins foi, na realidade apenas um pequeno eclipse na vida de Paranaguá, na passagem do Paraná Velho para o Paraná Novo, quando se dizia em Paranaguá — e aqui tenho companheiros — que Paranaguá era a Terra do já foi e do será.

Era o início de uma nova época, cujos prenúncios se confundem com a minha mocidade quando o Brasil e o Paraná saíam da economia do carro de boi e ingressava na Era Moderna. No meio em que nasci eu sabia desde menino que, se não fosse padre (fui apenas coroinha) ia ser jornalista, afinal um sacerdócio como outro qualquer que seja levado a sério.

Posso dizer que fui contemporâneo, testemunha e — por que não dizer também — participante do histórico intercruzamento de dois ciclos econômicos bem diferenciados: de um lado o do café, em vertiginosa ascensão no Norte do Paraná, onde vivi, trabalhei e constitui família, no início dos anos 40, quando o Setentrão tinha ainda o encanto bárbaro de um verdadeiro “far-west”; e, de outro lado, o ciclo da erva-mate, em lento declínio no Centro-Sul do Estado, ao qual igualmente me integrei por muitos anos, na última tentativa de soerguimento dessa economia, no movimento de organização de 15 cooperativas que procurou agremiar mais de 10 mil rústicos e humildes ervateiros, centenariamente marginalizados por uma elite empresarial de senhores de engenhos, que pomposamente se denominavam de “industriais”.

O contraste entre esses dois ciclos consistiu em que, enquanto a erva-mate dominou por mais de um século como economia relativamente autônoma, sobre a qual os paranaenses tiveram algum comando — a ponto de dar apoio à emancipação política de São Paulo e sustentar as finanças públicas durante o período provincial e parte do republicano — o ciclo

do café ocorreu como extensão da própria economia paulista numa fase de expansão do capitalismo nacional, sem que sobre ele os paranaenses tivessem maior controle político. Enquanto em São Paulo, o café foi a base de um surto extraordinária de industrialização, no Paraná ele só acentuou a agropecuária da economia estadual, porque os capitais acumulados e a renda nele gerada se evadiram, em grande parte, para fora do Estado, no intercâmbio com bens manufaturados do parque industrial mais desenvolvido do Sudeste, numa relação de trocas de visíveis conotações colonialistas.

Embora hoje a renda gerada pelo nosso setor industrial seja quase o dobro da do setor primário, é visível a vulnerabilidade da economia paranaense. Se Paranaguá é o maior gerador de divisas para o País, não podemos esquecer que o comércio interestadual é quase três vezes maior em valor, mas negativo no cômputo geral e, em particular, no intercâmbio com São Paulo, que funciona como uma espécie de bomba de sucção da renda paranaense. Na última mensagem anual dirigida a esta Casa, o Governador José Richa ressaltava que, em função de recessão, a taxa acumulada da queda da renda industrial entre 1980 a 1983 foi de 17% no País; mas no Paraná chegou a 21%. Não foi diferente o comportamento no setor terciário, que caiu 5% no País e 19% no Paraná.

Em sucessivas reportagens, exaltei na imprensa a nova Terra da Promissão em que o terceiro planalto se transformou. No curso de minha geração assisti, a um só tempo, ao esplendor e ao declínio da cafeicultura. Entre nós, pela primeira vez se introduziu a novação do cultivo do café em pequenas propriedades, transformando antigos “colonos” e assalariados rurais em proprietários e agricultores independentes. Mas também talvez tenhamos sido dos primeiros a denunciar, há cerca de 20 anos, o outro lado do Eldorado, em reportagem focalizando em Londrina, numerosas famílias de sem-terra e sem-teto vivendo precariamente em carcaças de ônibus abandonados na Favela do Grilo. Assim também, já em 1963, ao acompanhar “in loco” a chegada em massa do que então chamei “o novo gaúcho” do Sudoeste — o ítalo-brasileiro procedente da região colonial do Rio Grande do Sul — alertei para o fato de que grande parte daquela gente estava apenas em trânsito momentâneo. Seria expulsa da região tão logo os filhos numerosos dos recém-chegados atingissem a idade adulta, impossibilitados do sobreviver em minúsculos minifúndios, que levariam ao exagero anti-econômico a decantada democratização da propriedade no Setentrão, em ambos os casos produto de gananciosas especulações imobiliárias.

Quando a fronteira agrícola atingiu as barrancas do grande rio que dá nome ao Estado, era hora de fazer parar o processo desordenado de migração interna, a fim de evitar essa forma cruel de deportação em massa até para fora do País, como ocorreu com os brasileiros fixados no Paraguai, na medida em que nosso espaço encolhia para poder abrigar seus filhos. A propósito, lembro-me de um requerimento de posseiros feitos em versos, em forma de A.B.C., que recolhi em 1940 no Norte do Paraná, expulsos da área quando ali se iniciou o empreendimento dos ingleses. Dizia esse A.B.C.:

Muitos estão sem destino
sem saber para onde vão
sem ofício e sem ensino
e sem apoio do sertão
Nossa Pátria é brasileira,
ninguém nos pode negar
Portanto, em nossa bandeira
devemos ter um lugar.

Quarenta e cinco anos depois, a atualidade desse apelo chega a ser quase chocante: milhões estão sem o abrigo do pavilhão nacional.

Minha vivência em várias regiões do Paraná sempre se transformava em trabalhos jornalísticos levados ao debate

público. Num Encontro de Jornalistas, realizado em Londrina no início dos anos 60, o tema mais polêmico foi um trabalho meu sobre "o imperialismo interno dos paulistas", discutido e aprovado contra o voto dos paulistas que lá viviam. O mesmo ocorreu pouco depois, num segundo Encontro, em Ponta Grossa, em que o tema por mim proposto a debate se referida à "reforma agrária nos latifúndios pastoris dos Campos Gerais". A preocupação era sempre a mesma, a de suscitar questões em torno de causas eminentemente paranaenses. Foi essa preocupação que me levou aos estudos históricos, convencido de que se não devemos, certamente, voltar atrás sobrepassos já percorridos, não podemos, contudo, perder a ligação do presente com a História. Como diz o cientista político Lucien W. Pye, é erro procurar viver sem história e somente de esperança. "Na ausência de um repositório comum de tradições", dizia ele, "os povos não podem buscar orientação e força no passado. Eles têm de olhar para frente e, ao fazê-lo, só podem enxergar um presente duvidoso e um futuro inseguro".

A grandeza dos desafios que estão a nossa frente decorre, basicamente, de excepcional posição estratégica do território paranaense contexto da Bacia do Prata, a sexta maior do mundo e a segunda da América Latina, depois da Amazônica. Ela está destinada por seus diversificados recursos naturais, hidráulicos, ferríferos, de gás de petróleo e outros, a se transformar um dia, como já se prevê, num novo e gigantesco Tennessee Valley e, ao mesmo tempo, num Ruhr latino-americano, na medida em que deixe de ser uma mesopotâmia de discórdias para se transformar numa bacia de integração fronteiriça. Já em seu tempo, Romário Martins, com notável visão histórica, antevia um grande futuro para seu Estado por estar colocado a meio caminho entre as metrópoles mais desenvolvidas do Sul do Brasil e do Rio da Prata. Esse é um de meus temas fascinantes, objeto de obra em preparo sobre a multissecular vocação geopolítica do Paraná, atendendo a conceituação de Ratzel de que "espaço é poder".

Mas assim como fui contemporâneo, testemunha e participante na transição de dois Paranas, fui também testemunha, contemporâneo e — por que não dizer? — vítima, com minha geração, de dois prolongados ciclos de autoritarismo a nível nacional. O primeiro, durante o Estado Novo de Vargas, quando saía da adolescência e ingressava no jornalismo, em condições assim tão adversas quanto à liberdade de informar e opinar; o segundo, durante o chamado Estado Novo da UDN, já na maturidade, quando não mais imaginava novo e mais longo retrocesso. Em outras palavras, em 64 anos de vida, 36 foram passados sob regimes de ditadura e apenas 28 sob um leve clima democrático, o que devemos convir — e permitam-me dizer aqui numa expressão não muito elegante para o protocolo — é dose para elefante. No apagar das luzes da primeira ditadura, bem como no início da segunda, fomos intimados a depor perante órgãos de segurança da época, por suspeição, respectivamente, de envolvimento com matéria divulgada na imprensa e participação em movimento grevista de jornalistas, considerada subversiva aos olhos dos guardiões do regime. Se no segundo caso não chegamos a ser indiciado em inquérito e punido, como ocorreu com tantos colegas, isso se deveu a imunidades conquistadas nas esferas militares, como autor de obra sobre a formação do Exército brasileiro, lançada com menção honrosa pela Editora Biblioteca do Exército, em 1957, e, no ano seguinte, como orador oficial, a convite do Comando da 5.^a Região Militar, nas comemorações do sesquicentenário de Osório — o mesmo legendário general Osório, cujas mãos agustas meu avô um dia apertara emocionado.

Quem conhece a história do Exército brasileiro sabe que se o Duque de Caxias foi escolhido para ser o seu Patrono, representando a corrente conservadora da instituição, foram muitos os partidários de Osório para essa escolha, reconhecido como símbolo de suas tendências mais liberais. Eles represen-

tam as duas faces de um suposto poder moderador que sobreviveu à queda do Império e no qual as Forças Armadas se teriam investido como tutoras da República, cuja história tem sido um crônico movimento pendular entre autoritarismo e liberalismo. Ou melhor, entre autoritarismo e populismo, responsáveis por três revoluções e, no mínimo, cinco levantes armados, a refletir irresistíveis impaciências golpistas no seio da classe política.

Nesse sentido, o testemunho pessoal que posso dar é o do jornalista que assistiu bem próximo do poder, a bem dizer, de dentro de gabinetes ministeriais e governamentais, articulações sinistras contra a ordem constitucional. A primeira vez, ao tempo do Governo Café Filho do qual era Ministro da Agricultura o eminente paranaense Munhoz da Rocha Netto. A segunda vez, dez anos depois, ao tempo do Governo João Goulart, do qual era Ministro do Trabalho, o igualmente eminente paranaense Amaury de Oliveira e Silva.

Os ensinamentos que colhi nessas e em outras oportunidades é o de que o jornalista não deve ficar muito próximo do poder, e menos ainda por trás do trono, nem distante dele. Se ficamos muito longe, tendemos a adotar a postura do espanhol da anedota para quem "se há governo, sou contra", convencidos de que os governanos existem para falarmos mal deles, achando todos ruins ou péssimos, embora o pior de todos seja sempre aquele do qual não participamos. Se, o contrário, ficarmos muito próximos, o risco é os governantes crescerem demais aos nossos olhos, tornando-se seus endeusadores. Ou o que é ainda mais grave, engrossadores até incômodos, que só contribuem para engrossar ainda mais aquele cordão que todos sabem qual é.

Diz-se que só se realiza em vida o homem que tenha gerado um filho, escrito um livro e plantado uma árvore. Minha geração, entretanto, ainda é do tempo em que essa realização pessoal seria incompleta sem a viagem a Europa, quando se dizia que todo homem tem duas pátrias — a sua e a França. Nesse sentido, tive o privilégio de conhecer o Velho Mundo em hora crítica de mudanças, como testemunha de fatos, hoje históricos, no exato momento que estavam sendo notícia no mundo: o fim do salazarismo em Portugal, confraternizando nas ruas de Lisboa pela vitória da revolução dos cravos vermelhos; o fim do gaulismo na França; o começo do fim do franquismo na Espanha, e até mesmo o referendo do divórcio na Itália, que desafiou o prestígio do Vaticano. Isso sem contar a surpresa de uma nova imagem do Principado de Mônaco, que estava deixando de ser a "ilha da fantasia" dos cassinos e dos hotéis de luxo para se transformar num pequeno parque industrial fabricante de componentes eletrônicos sofisticados para uso de equipamentos dos astronautas do Projeto Apollo. Mas essa viagem à Europa não foi um simples giro turístico para ver velhas igrejas monumentais, superlotadas de turistas e vazias de fiéis, senão também uma viagem de trabalho e pesquisas nos arquivos europeus na busca de documentos ligados às origens do Paraná, em especial no Arquivo das Índias de Sevilha, onde estão nossas raízes mais profundas da época da Província do Guairá, um Paraná espanhol, onde lusos e castelhanos foram "sócios e aliados" na obra nefanda de escravização do indígena.

No que me diz respeito posso afirmar que vivi próximo de Governos, em especial daquele que devia ser e não foi, um dos maiores, sob o comando de um dos paranaenses mais bem preparados do nosso tempo, o saudoso Professor Parigot de Souza.

Numa homenagem, muito mais ao jornalismo político, isento, ele me honrou, pedindo, nada mais, nada menos do que uma relação de nomes, para a constituição de seu Secretariado.

Não me pedia cargos, nem vantagens, pedia apenas esta

colaboração.

Hoje posso revelar este episódio porque ele já pertence à História.

É conhecido o diálogo do conquistador que recriminava o barbarismo de um cacique, por matar e comer seus prisioneiros, que recebeu como resposta esse comentário simples: "Mais bárbaro são vocês que matam e não comem". Prática aliás, até hoje adotada em atentados terroristas quase diário, que não poupam, se quer, velhos paralíticos e até a Santa figura do Papa, em nome de seitas religiosas e de credos ideológicos.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, minhas Senhoras, meus Senhores. Que mais poderia eu acrescentar nesta oração de agradecimento, comovido, pela generosidade do título que acabo de receber?

Talvez me reste dizer que em minha vida jamais sonhei com tamanha honraria. Não estou bem certo se realmente mereço. Chego a recear que esteja sendo homenageado por engano, afinal nossos legisladores não são infalíveis. Em mais de quarenta anos, tentando fazer um jornalismo de verdades, devo ter ferido muitas vaidades. A verdade é sempre desagradável. Diz-se que, à execução do chinês, não há povo ou homem que tolere a verdade sobre si mesmo; em tempos normais a verdade é considerada falta de educação, em tempos de guerra, um crime. Além disso entendo que num mundo cercado de misérias e desgraças de toda ordem, não temos o direito de ser felizes, ainda que por algum momento. Frederico Nietzsche afirmava que ninguém anda em busca da felicidade; só o inglês a persegue. De minha parte me dou por satisfeito com uma infelicidade moderada. Antes quando alguém me perguntava quais eram meus títulos, eu costumava a responder que não tinha nenhum, e acrescentava de blague, eu e o Carlos Lacerda não somos formados em nada, nós não temos medo de nada, nem de ninguém, de minha parte tenho um santo ou uma santa forte.

Minha madrinha é Nossa Senhora do Rocio de Paranguá. A Pequenina e valente padroeira do Paraná.

Agora, além de suas bênçãos tenho dois títulos. Este de Cidadão Benemérito, que hoje me é concedido. E a Comenda da Ordem da Boca Maldita, no grau de Cavaleiro, que me dá o direito de pôr a boca no mundo quando for preciso.

E já que estou falando de mim mesmo, gostaria de encerrar esta oração com algo muito íntimo e definitivo, usando para isso a frase com que o filósofo Bertrand Russel iniciou sua

notável autobiografia. Disse ele: "Três paixões simples, mas irresistivelmente fortes, governam-me a vida: o anseio do amor, a busca do conhecimento e a dolorosa piedade pelo sofrimento da humanidade".

Por que o anseio do amor? Porque — e é ainda Bertrand Russel que o diz — "ele nos liberta da solidão".

Por que o conhecimento? Porque, como disse ele, queria compreender o coração dos homens e porque cintilam as estrelas.

Amor e conhecimento, diz Russel, conduzem para o alto, rumo ao céu. Mas a piedade sempre nos traz de volta à terra atraído pelo clamor irresistível dos que sofrem e precisam do nosso calor humano. Como agora, por exemplo, no Ano Internacional da Juventude, neste mês do Dia da Criança, quando sabemos que em quase setenta milhões de brasileiros de idade até 18 anos, cerca de mais de metade, no mínimo trinta e seis milhões são carentes e abandonados. Sei o que isso significa, porque fui menino pobre, órfão de pai e de mãe aos seis anos de idade. Tive uma vida difícil, mas não infeliz, porque, graças a Deus, não sou órfão de amigos, não sou órfão de filhos e não sou órfão de netos. Eles carregarão meu nome até além do ano 2000.

O homem não morre enquanto o seu nome for lembrado na terra."

Muito obrigado.

(Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Nelson Buffara) — Essa Presidência quer, em nome da Assembléia Legislativa, agradecer a presença das altas autoridades, Senhoras e Senhores aqui presentes, que tanta satisfação deram a esta solenidade.

Solicito da mesma Comissão de Senhores Deputados anteriormente designada, que acompanhe Sua Excelência o Senhor Doutor Luiz Alberto Dalcanalle, Secretário de Estado da Comunicação Social, representando Sua Excelência o Senhor Governador José Richa, durante sua permanência do Palácio 19 de Dezembro e o ilustre homenageado do Salão Nobre, onde receberá cumprimentos.

Antes de dar por finda a presente Sessão Solene, eu convido os Senhores presentes a ouvirem o Hino do Estado, após o que a encerro.

(É executado o Hino do Estado do Paraná).

Está encerrada a Sessão Solene.